

Conclusão da parte III

O objetivo desta parte III da tese de doutorado foi o de fazer um paralelo entre as reflexões de santo Agostinho e Juan Luis Segundo. Com esta comparação, pretendi destacar os pontos principais da visão de cada autor, indicando os aspectos em que se pode estabelecer um “diálogo” entre a visão que cada um deles formou acerca da liberdade.

Composta apenas do capítulo final da tese, esta terceira parte recolhe, então, as principais características da concepção da liberdade em santo Agostinho e Juan Luis segundo, que foram descritas e analisadas mais detalhadamente nas partes I e II da tese. Dentre os diversos aspectos acentuados, me restringi aos temas em que as semelhanças e diferenças entre os autores eram mais evidenciadas. Deste modo, foram apresentados os temas da sensibilidade pastoral em relação ao contexto de cada autor, da imagem de Deus, da relação entre liberdade pessoal e ordem natural do universo, da concepção do ser humano como interlocutor livre e colaborador junto ao plano salvífico de Deus. Cada um deles foi analisado, visando mostrar o modo como tais temas foram enfocados respectivamente por santo Agostinho e Juan Luis Segundo. Em cada um dos temas foi possível notar as diferenças e também as semelhanças de enfoque.

No que diz respeito à importância do contexto histórico na elaboração do conceito de liberdade feito por cada autor, algumas lições podem ser extraídas. Ambas as concepções mostram a sua vitalidade e a sua relevância pastoral e teológica. Isto indica que os cristãos de hoje também devem formular uma reflexão sobre a liberdade, que seja qualificada para os desafios que a fé cristã é chamada a enfrentar nos tempos atuais. Se de um lado Agostinho deixou claramente manifesta a necessidade de uma sólida argumentação doutrinal baseada na Sagrada Escritura, evidenciando o chamado de Deus à salvação, juntamente com a afirmação da ação imprescindível da graça que solicita e não tolhe a liberdade humana, de outro lado, J. L. Segundo acrescenta que o livre chamado de Deus implica necessariamente na resposta humana, como atuação da liberdade em contextos históricos determinados. Isto se dá mediante o desenvolvimento de valores humanos, estruturas sócio-econômico-político-culturais e também mediante o desenvolvimento dos dinamismos evolutivos do

ser humano e do cosmo, que cooperem para o processo salvífico, sendo este um processo que valoriza e exige a vivência da liberdade humana. Foi possível assim notar como as respostas de Agostinho e Segundo aos seus respectivos contextos são iluminadoras para o contexto pastoral e eclesial atual.

Nessa análise comparativa entre os dois autores, ficou evidente também o quanto é fundamental que a imagem de Deus anunciada pela comunidade eclesial seja uma imagem, que leve em conta as exigências da vivência da liberdade na complexidade própria da sociedade contemporânea. De certo que o anúncio de Deus feito pelas comunidades de hoje precisa ser fiel aos dados da revelação cristã. No entanto, isso não elimina o fato de que é preciso encontrar as mediações teológicas, filosóficas, pastorais e políticas adequadas, para que a mensagem cristã sobre Deus seja também inteligível e relevante para o ser humano que lida com os desafios próprios da sociedade contemporânea.

Neste sentido, é muito oportuna a reflexão sobre os pressupostos da concepção sobre o Deus criador, sobre sua relação com o ser humano dotado de uma autêntica liberdade e sobre a relação desse Deus Criador, com um mundo criado que tem suas leis naturais próprias e autônomas. As reflexões de santo Agostinho e J. L. Segundo revelam Deus e o ser humano como interlocutores livres, autônomos, mas unidos no plano salvífico, fruto do amor generoso desse Deus, que respeita profundamente a liberdade humana e a vocação humana para a liberdade. Por isso, é que esta relação do ser humano com Deus se dá necessariamente dentro das mediações históricas disponíveis em cada contexto, no interior de um universo e na vida de seres humanos ambos em evolução; Tal compreensão exige a revisão da antiga visão fixista do universo e da ação intervencionista extrínseca de Deus, pois essa visão fixista se mostra contraditória com a autonomia do universo criado e com a liberdade humana.

Como se pode ver, as duas perspectivas de abordagem, mostram a complexidade e a profundidade espiritual que envolvem a questão da liberdade humana. Por isso mesmo, as visões de santo Agostinho e J. L. Segundo forneceram pistas e orientações para uma vivência amadurecida da liberdade cristã, nos trabalhos pastorais e demais atividades desenvolvidas no âmbito das comunidades eclesiais.